



O TUIUTI

INFORMATIVO



**ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA DE
HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS)
- ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA -
E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)
370 anos da Segunda Batalha dos Guararapes - 230 anos da Inconfidência Mineira
130 anos da Proclamação da República - 120 anos da Revolução Acreana
ANO 2019 MARÇO Nº 309**

Personagens da História Militar do Brasil

Luiz Eduardo Silva Parreira (silvaparreira@gmail.com), Aluno de HM da Unisul/SC

Quinta-feira, 31º dia do mês de janeiro do ano de nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo. De Almeirim chega uma notícia que abala a nobreza e os súditos portugueses. O rei de Portugal, cardeal Dom Henrique I, “O Casto”, da dinastia de Avis, está morto!

Por ser um membro do clero, não deixa herdeiros. “Filipe II¹ de Espanha, um dos pretendentes naturais, impôs sua vontade, invadindo o pequeno reino. Parte pela força, parte pelo suborno, logrou ser aceito como soberano legítimo”². Começa a União Ibérica, na qual Portugal será parte do Reino da Espanha por 60 anos (1580/1640).

Porém, nesse ínterim, Portugal passou a ser alvo dos inimigos da Espanha daquela época, sendo o mais aguerrido a Holanda.

Diz Southey que “com razão prezavam os holandeses sobre todas as coisas a liberdade; depois da liberdade vinha a ganância”³. Assim, “*atacando as colônias espanholas, empobreceriam o inimigo, e a si próprios se enriqueceriam ao mesmo tempo. Era o que no oriente haviam feito com tão bom resultado que puseram-se agora a olhar para a América*”⁴.

Para tanto, criam a Companhia das Índias Ocidentais (West-Indische Compagnie)⁵. “*Mas ela não era apenas uma empresa comercial, pois tinha também caráter militar, com exército e marinha próprios. Estavam autorizados até mesmo a promover a guerra se isso fosse necessário para garantir seus interesses*”⁶.

Figura 1 (abaixo) - O brasão da Companhia das Índias Ocidentais (West-Indische Compagnie).

¹ Filipe II da Espanha tornou-se Filipe I, de Portugal. Morreu em 1598. Assume Filipe III, da Espanha (Filipe II de Portugal). Reinou até 1621. Neste ano sobe ao trono espanhol Filipe IV, sendo Filipe III, de Portugal. Durante seu reinado é que houve a revolta que elevou ao trono Dom João IV.

² CALÓGERAS, Pandiá. Formação Histórica do Brasil. Brasileira. Volume 42. 8ª Edição. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1980, p. 12.

³ SOUTHEY, Robert. História do Brasil. Volume II. São Paulo: Editora Obelisco, 1965, p. 107.

⁴ SOUTHEY, op. cit., p. 107.

⁵ Essa Companhia foi precedida em 20 anos pela Companhia das Índias Orientais, que começou a sacar dos luso-espanhóis a exclusividade do comércio com o Oriente. O Historiador holandês Hendrik Willem van Loon, no seu livro **América**, 5ª Edição, Rio de Janeiro: Editora Globo, 1957, p. 91, informa que quem repassou aos holandeses os segredos da navegação lusa foi um neerlandês de nome Jan Huygen van Linschoten, “que quando menino, fugira de casa, e fora servir com os portugueses (...) [e] em 1595, publicou o célebre livro em que ensinava aos seus compatriotas o caminho exato para alcançarem as Índias pelo cabo da Boa Esperança”.

⁶ DARÓZ, Carlos. A Guerra do Açúcar. As invasões holandesas no Brasil. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 2016, p. 36.



Fonte: História do Brasil - Pedro Calmon

Os holandeses, por meio de seus informantes, coletaram informações sobre o Brasil e suas defesas. A ideia batava era, após sedimentada a conquista da colônia portuguesa nas Américas, tentar chegar às valiosas minas de prata espanholas do Peru e do México⁷. “Mas assim como os holandeses compravam informações”⁸, assevera Southey, “também as vendiam”. E começaram a chegar em Lisboa informes de que a Holanda iria atacar o Brasil. A rainha Isabel, esposa de Filipe II, também recebeu a informação e avisou o Duque de Olivares, ministro espanhol dos negócios externos. “Era sistema da corte espanhola enfraquecer Portugal por todos os modos, [e Olivares] ou não deu crédito à denúncia, ou não considerou quais seriam para as suas próprias colônias as consequências de perderem-se as portuguesas”⁹.

Neste momento surge um dos muitos personagens da História Militar do Brasil nos dois primeiros séculos de sua existência: **Matias de Albuquerque Coelho**. Nasceu em 1595, em Olinda, e foi batizado Jorge de Albuquerque Coelho. Na adolescência fica órfão dos pais e recebe a fortuna do Capitão-mor Matias de Albuquerque de Chaul e Ormus, vice-rei da Índia, adotando a partir daí o seu nome. Nesta época, senta praça no Exército Português. Anos mais tarde recebe o hábito da Ordem de Cristo e é designado para servir em Ceuta¹⁰.

Figura 2 - Matias de Albuquerque, homenageado num selo de loteria, de 1971.



Fonte: Caixa Econômica Federal

Sabendo da informação de que a Companhia das Índias Ocidentais planejava atacar o Brasil, Matias se oferece para servir na sua terra e é designado para “planejar e executar a defesa da capitania de Pernambuco, como capitão-mor e lugar-tenente do donatário”¹¹. E enquanto preparava as defesas per-

⁷ Revista Verde-Oliva. **Guararapes - 350 anos**. Edição Comemorativa. Ano XXV. Nº159. Brasília: CComSEx, 1998, p. 7.

⁸ SOUTHEY, op. cit., p. 109.

⁹ SOUTHEY, op. cit., p. 109.

¹⁰ Revista Verde-Oliva. **Matias de Albuquerque. Conde de Alegrete - 14º Governador-Geral do Brasil. Herói de Dois Mundos**. Ano XXXI. Nº182. Jul-Dez 2004. Brasília: CComSEx, 2004, p. 46. Matias não usava o sobrenome Coelho.

¹¹ Cf. Revista Verde-Oliva, Ano XXXI. Nº182, p. 46.

nambucas, visto que “o sistema defensivo em torno das localidades e engenhos isolados [na colônia] era sumário, previsto apenas contra os índios”¹², os holandeses chegam; mas, na Bahia.

Com o que coletaram de seus informantes, os flamengos escolheram atacar Salvador. Acreditavam que não teriam muitos problemas em conquistá-la. Era um golpe ousado, visto que desde 1549 Salvador era a sede do Governo-Geral.

No dia 8 de maio de 1624, a esquadra da Companhia das Índias Ocidentais surge diante da cidade de Salvador. Tinha “26 navios armados com 500 canhões e guarnecidos por 3.300 homens, sendo 1.700 para o combate em terra e ocupação”.¹³ A defesa da cidade era composta por “80 soldados da tropa regular, 1.000 colonos e aproximadamente 500 escravos armados”¹⁴. No dia 9 a esquadra abre fogo e duela com os fortes soteropolitanos. Durante esta refrega, os holandeses desembarcam 1.500 soldados e atacam por terra. Após alguma resistência, a cidade e seus defensores a evacuem, restando nela o Governador-geral Diogo Mendonça Furtado, que é preso.

Figura 3 - Ataque da Companhia das Índias Ocidentais a Salvador.



Fonte: Hassel Gerritsz

Quando a coroa espanhola recebe a informação da conquista de Salvador e da prisão do Governador-geral, indica Matias de Albuquerque para aquele cargo, a fim de planejar e comandar a resistência daquela praça. Este, diante dos relatos que recebeu, ao invés de partir para a capital da Bahia, “*se convenceu [de] que arrebanhar recursos, enviar reforços e preparar a defesa do restante do território seria mais útil [à ideia de resistência e defesa da colônia]*”¹⁵.

Assim, despacha para Salvador Francisco Nunes da Silva, com a missão de assumir como Governador-geral da Bahia e comandar a resistência contra os neerlandeses *in loco*. Frei Vicente do Salvador comenta que:

“(...) [Matias de Albuquerque] mandou [para Salvador o] capitão-mor Francisco Nunes Marinho, que o havia já sido na Paraíba, e servido a el-rei na Índia e em outras partes com muita satisfação, e para isto lhe deu dois caravelões, de um dos quais veio ele por capitão, e de outro Antônio Carneiro Falcato com trinta soldados, pólvora, munições, e vitualhas de vinho, azeite, e outras coisas, que se lhe puderam dar em tempo tão necessitado delas”¹⁶.

¹² FORTES, Breno Borges (org). **História do Exército Brasileiro. Volume 1**. Brasília: Estado-Maior do Exército, 1972, p. 102.

¹³ FORTES, op. cit., p. 106.

¹⁴ DONATO, Hernani. **Dicionário das Batalhas Brasileiras. Dos conflitos com indígenas às guerrilhas políticas urbanas e rurais**. São Paulo: Instituição Brasileira de Difusão Cultural Ltda., 1987, p. 454.

¹⁵ Cf. Revista Verde-Oliva, Ano XXXI. Nº182, p. 46.

¹⁶ SALVADOR, Vicente do (Frei). **História do Brasil (1500 - 1627)**. Rio de Janeiro: Weiszflog Irmãos, 1918, p. 538

Continua Vicente Salvador¹⁷ que Matias de Albuquerque também enviou reforços para as outras capitanias, como Maranhão, Ceará, Paraíba e Pará, já que não se sabia qual o próximo passo dos invasores flamengos. Ao mesmo tempo, ele mobilizou a população civil e criou uma ligação logística para os defensores baianos, “pelos caminhos despovoados de Alagoas e Sergipe”¹⁸, para não serem capturados pelas tropas holandesas, que dominavam o mar.

Quanto à resistência soteropolitana à invasão, Alberto Alves da Silva, em *Hollandezes na Bahia - (1624 - 1625)*, assevera que os habitantes,

“(…) desiludidos, afinal, de que os inimigos aqui não vieram somente para o saque e sim para a conquista, causa muito provável da fraca resistência oposta, cuidaram então de expulsá-los, muito embora, de princípio, fossem os mais insuficientes os meios de que dispusessem”¹⁹. E prossegue o historiador que “a falta de armamentos apropriados, a escassez e por fim a carência completa de pólvora limitaram, no princípio, as operações à arma branca, à flecha, ao combate singular, à tocaia”²⁰.

Com efeito, os luso-brasileiros assediavam as tropas batavas por meio do “*judicioso aproveitamento do terreno e do emprego de táticas de guerra nativas brasileiras. [Eles] organizaram as companhias de emboscadas, compostas de 25 a 40 homens, para levarem a luta sem quartel ao invasor*”²¹. Esse novo tipo de guerra ficou conhecido como “guerra brasílica”.

E aqui calha mencionar outro personagem da História Militar, que muito contribuiu para a campanha contra os holandeses e foi o pai da ideia das guerras de emboscadas: o **bispo Dom Marcos Teixeira**. Guerra esta que ceifou até mesmo o governador holandês, Johan van Dorth²².



Figura 4 (ao lado) - Guerra Brasílica
Fonte: História do Exército Brasileiro.

O Historiador Pablo Antonio Iglesias Magalhães, em sua tese de doutorado *Equus Rusus - A Igreja Católica e as Guerras Neerlandesas na Bahia (1624 - 1654)*, transcreve a biografia desse herói brasileiro:

“Natural da cidade de Lamego, [seus pais eram] Damião Botelho, e Joana Teixeira. Estudou Jurisprudência Canônica [na] Universidade de Coimbra, em que fez [tais] progressos o seu perspicaz talento, que sendo admitido por Collegial do Collegio de S. Pedro a 22 de Junho de 1604, subiu à cadeira de Clementinas a 9 de Janeiro de 1610, onde manifestou a sua grande literatura. [Foi] Cônego Doutoral da Cathedral de Évora provido a 14 de Março de 1611, e Inquisidor na mesma Cidade, de que tomou posse a 11 de Setembro de 1617. Nomeado Bispo do Brasil, chegou a Bahia de Todos os Santos em o ano de 1621, onde sem depor o bago empunhou a espada contra os Olandezes animando com o exemplo as suas ovelhas derrotar aquelles pérfidos inimigos (...)”²³.

Diz Alves da Silva sobre ele:

“Ao saber que fora escolhido como chefe das forças sitiadas, D. Marcos Teixeira procurou desempenhar-se da árdua tarefa sem medir os maiores sacrifícios, aliás muito de entender em sua avançada idade. Trabalhou, dedicou-se mesmo devotamente à causa que lhe foi entregue. Transferiu logo o acampamento da aldeia do Espírito santo, onde, até então permanecia, para o Rio Vermelho, que foi logo guarnecido com 6 peças, 6 rouqueiras e 3 falcões de bronze, armamentos estes levados por uma embarcação acidentalmente evadida do porto. Fez mais, escreveu aos vá-

¹⁷ SALVADOR, op. cit., p. 534.

¹⁸ Cf. Revista Verde-Oliva, p. 46.

¹⁹ SILVA, Alberto Alves da. **Hollandezes na Bahia 1624-1625 (Ao comemorar-se o tri-centenario de sua expulsão - 1625-1925)**. Salvador: Nova Gráfica, 1925, p. 21.

²⁰ SILVA, op. cit., p. 21.

²¹ FORTES, op. cit., p. 109.

²² MUSSUMECI, Victor. **História do Brasil**. São Paulo: Editora do Brasil, 1960, p. 118-119.

²³ MAGALHÃES, Pablo Antonio Iglesias. *Equus Rusus - A Igreja Católica e as Guerras Neerlandesas na Bahia (1624 - 1654)*. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da UFBA. Salvador: UFBA, 2010, p. 2.

rios habitantes do recôncavo, chamando-os e incitando-os ao cumprimento de seus deveres cívicos tão preciosos no momento, proibiu rigorosamente quaisquer relações com o inimigo.

Estas e outras medidas, tomadas com acerto deram-lhe, finalmente, dentro de poucos dias um efetivo de 1.400 soldados, afora os índios regimentados, uns e outros, divididos e, 6 companhias sob as ordens dos valentes guerreiros Lourenço Cavalcanti, Antônio Cardoso de Barros, Francisco Balburda, Belchior Brandão, Lourenço de Britto e Diogo da Silva. Cuidou, então o bispo, de libertar Mendonça Furtado, preso ainda em um dos navios da esquadra. Não lhe foi bem-sucedida a empresa, o que muito concorreu a inabilidade dos índios remadores, incumbidos do mister.

Deu começo às guerras de emboscada, de fortuna variada a ambos contendores”²⁴.

Somente em setembro de 1624 o novo Governador-geral da Bahia, enviado por Matias de Albuquerque, Francisco Nunes Marinho, chega na área ocupada pela Companhia das Índias Ocidentais e recebe o governo da capitania do bravo bispo-soldado, iniciando uma fase de cercos mais rigorosos e agressivos contra os holandeses²⁵. Sua chegada foi providencial, pois em 8 de outubro, morre Dom Marcos Teixeira²⁶, “a alma da reação e catalisador de vontades e esforços”²⁷.

Frei Vicente do Salvador assim registra o fato:

“Dali ordenou os capitães e companhias para os assaltos, em que reprimiu a insolência dos holandeses, que se isto não fora houveram de assolar todas as fazendas de fora, e quando iam aos assaltos os animava, e exortava de modo que até os gentios selvagens, que de princípio andavam alguns nestas companhias, obrigava a irem com muita vontade, e esforço; logo se punha em oração pedindo a Deus lhe desse vitória, e quando com ela tornavam lhe dava graças, abraçava os soldados, e gratificava-lhes não só com palavras, mas com dádivas, com que todos andavam à porfia a quem melhor havia de pelear; e assim puseram sem o ter sitiado em tanto aperto, que não se atreviam a sair 50 passos da cidade a buscar um limão, senão com muita gente, e ordem, e nem essa bastava, o que tudo se pode atribuir também às orações do santo bispo, que não só governava estas guerras com sua indústria, conselho, e agencia, como Josué, e outros famosos capitães, mas com lágrimas e orações como Moisés: e entendendo que a tomada da cidade fora castigo do céu por vícios, e pecados, depois se castigava a si mesmo, e fazia tão áspera penitência, que nunca mais fez a barba, nem vestiu camisa, senão uma sotaina de burel, dormia mui pouco, e jejuava muito, pregava e exortava a todos à emenda de suas culpas, para que aplacassem a divina ira, até que destes trabalhos o tirou Deus para o descanso da bem-aventurança, como se pode confiar em sua divina misericórdia”²⁸.

A luta pela reconquista de Salvador seguiria ferrenha. Nunes Marinho “*não deu quartel ao invasor, levou-lhe a morte dentro da área do cerco (...) de dia e de noite*”²⁹. E foi assim até que em 1825 chega à cidade uma esquadra luso-espanhola, composta de “52 navios de guerra e cerca de 12.000 homens, entre soldados e marinheiros, dos quais 4.000, aproximadamente, eram portugueses, e cerca de 1.200 bocas de fogo”³⁰. Era comandada pelo espanhol Dom Fadrique de Toledo Osório (Jornada dos Vassalos).

Em terra, os ânimos da resistência aumentaram com o enorme reforço e a luta tonou-se cada vez mais intensa. Frei Vicente Salvador, “testemunha ocular [da refrega, escreveu que] durante vinte e três dias não se passou um quarto de hora, de dia e de noite, sem que se ouvisse o estrondo de bombardas, esmerilhões e mosquetes de parte a parte”³¹.

No dia 29 de abril, depois de diversos reveses e o moral batavo muito baixo, o comando holandês envia um tambor, com o pretexto de que havia ouvido uma trombeta espanhola como sinal para se iniciar uma conferência de paz. O comandante espanhol que recebeu o emissário, D. Fadrique, respondeu-lhe que “costuma chamar pela voz dos canhões”³² o inimigo e ordenou que todos os seus canhões disparas-

²⁴ SILVA, op. cit., p. 22 - 23.

²⁵ FORTES, op. cit., p. 110.

²⁶ “Jaz sepultado na Capella de N. Senhora da Conceição de Tapagipe lugar distante da Cidade da Bahia meya legoa. Delle fazem honorifica memória Manoel de Faria e Sousa Europ. Portg. Tom. 3. Part. 2. cap. 3.§. 6. Fr. Gio Giusep. De S. Teres. Histor. Del Brasile. Part. I. Liv. 2. Rocha Americ. Portug. Liv. 4. § 36. Brito Freire Nov. Lusit. Liv. 2. n. 120. 159” *apud* MAGALHÃES, op. cit., p. 2.

²⁷ FORTES, op. cit., p. 110.

²⁸ SALVADOR, op. cit., p. 538 - 540.

²⁹ FORTES, op. cit., p. 110.

³⁰ FORTES, op. cit., p. 111.

³¹ FORTES, op. cit., p. 114.

³² CALMON, Pedro. **História do Brasil. Século XVI - Século XVII. Volume II.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1959, p. 526.

sem contra Salvador³³. Sob o som da “fala de Deus”³⁴, acabava a primeira tentativa de invasão neerlandesa do Brasil. Mas eles tentariam outra vez, agora em Pernambuco.

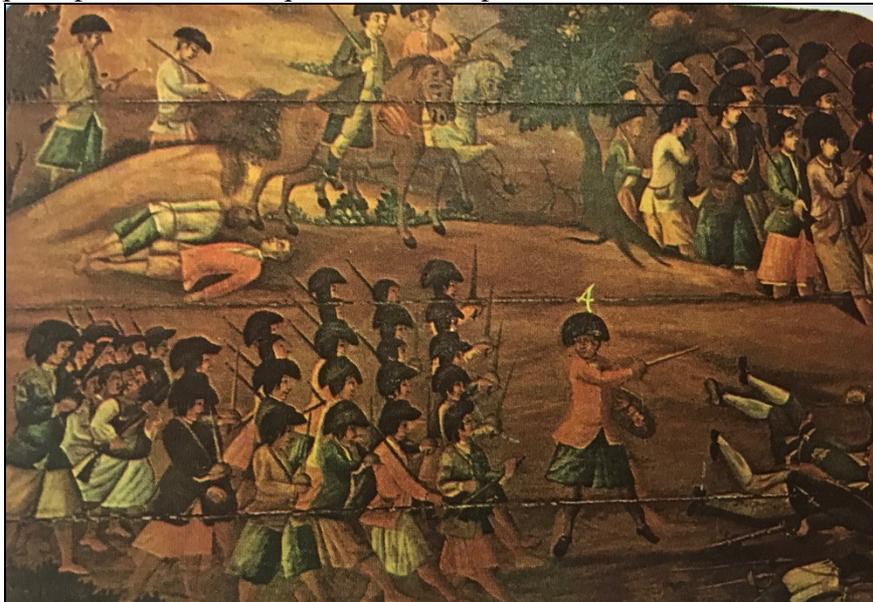
Entre 1627 e 1628, Matias de Albuquerque está na Europa, entre Madri e Lisboa, cuidando dos negócios brasileiros. Outra vez, ao saber de uma nova ameaça batava, em 1629, retorna para Pernambuco e inicia os preparativos para a defesa da capitania. Encontra apenas 130 homens, os quais se somam mais 27, que vieram com ele do Velho Continente.

Para criar uma verdadeira defesa, começa a buscar mais gente para engrossar as tropas pernambucanas. Dentre eles, encontra o “bravo índio Filipe Camarão, que se apresentou com muitos guerreiros”³⁵. Mais outro herói dos primeiros séculos do Brasil

Nascido com o nome de Poti, em 1580, no Rio Grande do Norte. Depois de batizado, adota o nome de **Antônio Filipe Camarão**³⁶, em 1612. Atendendo ao pedido de Matias de Albuquerque, “recebeu e cumpriu missões das mais arriscadas. Armou ciladas e infligiu perdas severas ao inimigo. Combateu-o valendo-se, sabiamente, de técnicas de emboscada e guerrilha [contra] o exército batavo”³⁷.

Sua atuação está contida nas partes de combate dos holandeses. Netscher, escritor batavo, mencionando o Coronel polonês Arciszewski³⁸, o conquistador do arraial de Bom Jesus, “sobre a situação deprimente em que se encontravam os soldados de um exército civilizado diante daquelas tropas irregulares, mal equipadas, mas aguerridas: aqui um só índio tem poder para nos fazer retirar muitas vezes”³⁹.

Figura 5 - Pintura que representa um ataque sendo feito por Camarão e seus homens.



Fonte: Grandes Personagens da Nossa História.

Além de coragem e patriotismo, demonstrou também lealdade. Quando o arraial do Bom Jesus caiu, os invasores lhe propuseram abandonar as fileiras dos insurgentes e passar a lutar do lado deles, contra seus companheiros de armas. Mas recusou a oferta com altivez e determinação⁴⁰.

Eis sua carta à Junta Governativa holandesa”

“Tudo quanto V.Sas. pretendem conquistar com folhas de papel, lhes haveremos defender com as das espadas; e para quem a sabe empunhar, como sabem os meus soldados, vêm a ser ridículos seus perdões e suas promessas. Ninguém quer dever o mesmo que pode cobrar. Estes seus papéis achados, como perdidos, mais têm de perdidos que

³³ DARÓZ, op. cit., p. 153.

³⁴ O cronista italiano Giovanni Villandi, sobre a batalha de Crecy: “[...] bombardas que faziam tão grande temor e rumor que parecia a fala de Deus” *apud* DARÓZ, op. cit., p. 51.

³⁵ FORTES, op. cit., p. 121.

³⁶ Antônio, escolhido por ele; Filipe, em homenagem ao rei espanhol e Camarão, que em tupi é poti.

³⁷ Revista Verde-Oliva. **Antônio Filipe Camarão**. Ano XXXI. Nº 181. Abr./Mai./Jun. 2004. Brasília: CeComSEx, 2004, p. 47.

³⁸ Crestofle d’Artischau Arciszewski (Polônia, 1592 - Polônia, 1656).

³⁹ Cf. Revista Verde-Oliva, Ano XXXI. Nº 181, p. 47.

⁴⁰ Cf. Revista Verde-Oliva, Ano XXXI. Nº 181, p. 47.

têm de achados. Quem vir tanta escritura há de imaginar que V.Sas. com elas querem fazer renovação de prazo em terra em que não têm domínio e, neste caso, eram os termos judiciais porque oferecem a pensão como enfiteutas e pedem obediência como senhorios. Outro erro: dizem que a Companhia Ocidental é outorgada, e outorgaram-nos sua companhia? Poderá a Companhia de Holanda ser companhia das Índias, porém, os meus índios estão mui longe da Companhia de Holanda. Se nela se acham os índios tupaias e petiguares (aliados dos holandeses) é porque são de uma mesma manada, selvagens e hereges e, com uma mesma cegueira, desacatam as imagens de Nosso Redentor e de seus santos, o culto da Igreja e seus preceitos.

Os meus índios são fiéis a Deus (...) fora estão de fadarem ao que devem (...). Falem-lhes V.Sas. em sua língua, pois sabem que a ocupação das armas lhes não deixa tempo para as letras; e tenham entendido que estes papéis nas suas mãos não têm mais préstimo que servirem de cartuchos aos seus mosquetes e, com eles, determinam e prometem das a V.Sas. a resposta na Companhia; e a minha é que acabem de entender que para nossos desejos são suas ameaças estímulos, e quanto mais sua arrogância os faz presumir de soldados, tanto maior faz nossa opinião e nossa esperança; toda a maioridade do vencido cede em glória do vencedor. Não dilatem a batalha se estão certos na vitória; que as impaciências da cólera não as dilações da fleuma escandalizam a pouca consciência com que faltam à obrigação de servirem à Companhia Ocidental que os conduziu com trabalho imenso, e os sustenta com dispêndio excessivo⁴¹.

Filipe Camarão, o Poti, é considerado um dos Patriarcas da Força Terrestre Brasileira. Morreu em combate, quando da 1ª Batalha de Guararapes, à frente de um Terço⁴².

Numa bonita referência sobre ele, escreveu assim o memorialista Paulo Santos de Oliveira⁴³:

“Ele foi condecorado por dois reis. Em 1635, recebeu de Filipe III [de Portugal/Filipe IV, da Espanha] o título de “dom” e o hábito de Santiago. Em 1641, ganhou do português D. João IV o hábito de cavaleiro da Ordem de Cristo, o título de fidalgo com brasão de armas e o posto de Capitão-Mor de todos os índios do Brasil. E ele fez por merecer todas essas honrarias, não apenas pelo desempenho nos campos de batalha, como também pela influência exercida sobre várias tribos, levando-as a apoiar os luso-espanhóis na guerra contra os holandeses, que invadiram Pernambuco em 1630⁴⁴.

Além de Filipe Camarão, Matias de Albuquerque obteve o auxílio do também herói, **Henrique Dias**, designado comandante do 1º Corpo de Soldados, os terços dos “Henriques”.

Gustavo Barroso escreveu que:

“Henrique Dias se [cobriu] de glória à frente de seu terço de pretos, durante mais ou menos dois séculos, existiu no Exército do Brasil uma formosa tradição: terços e, depois, regimentos, em Pernambuco, na Bahia, no Rio, em Minas, de caçadores a pé das milícias, com fardas brancas paramentadas de vermelho, compostos unicamente de negros e intitulos Henriques ou Caçadores-Henriques⁴⁵.

Não se sabe quando Henrique Dias nasceu. Sabe-se apenas que é pernambucano e que foi por volta de 1600⁴⁶. “Sua participação na luta contra o invasor remonta, possivelmente, a 1630, mas somente três anos depois é que seu nome começa a aparecer com frequência nas crônicas dos combates⁴⁷, quando se apresentou a Matias de Albuquerque, em 1633, “para servir com alguns de sua cor em tudo o que lhe determinasse”, tornando-se o capitão desse grupo e recebendo a patente de Governador dos crioulos, negros e mulatos do Brasil⁴⁸.

⁴¹ HOLANDA, Sérgio Buarque (org.). *Grandes Nomes da Nossa História*. Volume I. **O chefe dos índios declara guerra à Holanda**. São Paulo: Abril Cultural, 1972, p. 16.

⁴² O terço era disposto em companhias, cada qual com aproximadamente 250 homens. Quatro destas reunidas formavam uma *coronelia* (1.000 homens), e três, o terço. No total reuniam cerca de 3.000 homens, embora a maioria deles combatesse na prática com efetivos desfalcados e suas fileiras. Era comandado por um mestre de campo, nomeado pelo rei, auxiliado por um sargento-mor *apud* DARÓZ, op. cit., p. 61.

⁴³ OLIVEIRA, Paulo Santos de. **Henrique Dias, soldado valente e pai amoroso**. Diário de Pernambuco. <https://bit.ly/2OOZbr8>. Acesso em 10 de novembro de 2018.

⁴⁴ Cf. Revista Verde-Oliva, op. cit., p. 47.

⁴⁵ BARROSO, Gustavo. **História Militar do Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935, p. 12.

⁴⁶ PONTES, José de (org.). **Ensino Renovado de Biografias. Henrique Dias**. 2º Volume. D-K. São Paulo: Editora Fomar, s.d., p. 341.

⁴⁷ BENTON, Willian (org.). **Henrique Dias**. Encyclopaedia Britannica Barsa. Volume 5. Rio de Janeiro: Encyclopaedia Britannica Editores Ltda., 1973, p. 150.

⁴⁸ GASPAS, Lúcia. **Henrique Dias**. Pesquisa Escolar Online, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>. Acesso em: 10 de novembro de 2018.

Lúcia Gaspar, em suas pesquisas sobre Henrique Dias aponta que:

“Sua primeira ação militar foi a defesa do Engenho São Sebastião, quando contou com a ajuda de vinte negros e de outros capitães, e onde recebeu o primeiro dos seus 24 ferimentos lutando contra os holandeses. Num desses ferimentos sua mão esquerda teve que ser amputada. [Continuou a lutar assim mesmo, asseverando que para defender sua terra bastava ter u’a mão (sic)]⁴⁹.

Destacou-se no primeiro combate de Igarauçu, em setembro de 1633, quando tropas luso-brasileiras batem as tropas do Tenente Coronel Byma, composta de 700 homens. No combate, os neerlandeses perdem 180 homens e 18 caem prisioneiros⁵⁰. Nesse mesmo ano Henrique Dias é preso pelos holandeses, mas eles o libertam. Tal ato não o intimida e ele retorna aos combates, tendo sido peça decisiva na Batalha de Porto Calvo⁵¹.

Ainda segundo Lúcia Gaspar:

“[Em 1645 juntou-se às tropas de Fernandes Vieira, e] travou combates com os holandeses em Pernambuco, Bahia, Alagoas e Rio Grande do Norte, não perdendo sequer uma batalha. Tomou parte, entre outras, nas batalhas das Tabocas, de Casa Forte, quando defendeu o engenho de Dona Anna Paes, de Cunhaú e dos Guararapes.

Foi-lhe concedida por Dom João IV, a comenda dos Moinhos de Soure, da Ordem de Cristo, que estava vaga por morte de Antônio Filipe Camarão, que já a possuía desde 1641 (...) morreu em 1662”⁵².

Sua bravura era lendária e contagiava seus homens. “Em 1647, com trezentos homens, o Boca Negra [seu apelido], ao lado de Filipe Camarão, expulsou os holandeses do Rio Grande do Norte e, no ano seguinte, participou da primeira batalha dos Guararapes, onde recebeu seu oitavo ferimento — para variar, nas costas. Mas sobreviveu, como sempre”⁵³. Nessa batalha, num dos ataques, “dada a primeira descarga, os soldados comandados por ele passaram a usar da arma branca em combate corpo a corpo, conseguindo romper as fileiras do inimigo, que, recuando, deixou para trás as peças de artilharia”⁵⁴.

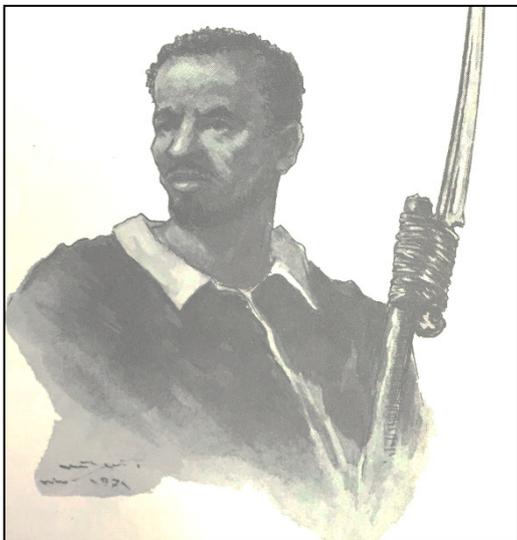


Figura 6 (ao lado) - Henrique Dias

Fonte: História do Exército Brasileiro.

Henrique Dias, por seus serviços ao Brasil e atuação em combate, também é considerado um dos Patriarcas da Força Terrestre Brasileira.

Vê-se mais uma vez que foi a ação de Matias de Albuquerque quem trouxe esses bravos para as fileiras da resistência. Além dele ficar como responsável de organizar como podia - outra vez, com muito jeito e inteligência - as defesas, para resistir aos neerlandeses. Fez o melhor que podia, com o que tinha:

“(…) procurou ativar a defesa recuperando os dois pequenos fortes da entrada do porto de Recife, de início à construção das trincheiras do rio Tapado e do rio Doce, posicionou uma bateria na Barreta (Pina), organizou um sistema de comunicações por meio de fogueiras. [Já durante a invasão], bloqueou a entrada do porto de Recife, afundando e incendiando oito navios. [Foi dele também a construção] do arraial do

⁴⁹ FERNANDES, João A. (org). História do Brasil. São Paulo: Aquarela, 1971, p. 9.

⁵⁰ Atlas Digital da América Lusa. S. Amaro (povoação). [http://lhs.unb.br/atlas/S._Amaro_\(povoa%C3%A7%C3%A3o\)](http://lhs.unb.br/atlas/S._Amaro_(povoa%C3%A7%C3%A3o)). Acesso em 10 de novembro de 2018.

⁵¹ PONTES, op. cit., p. 341.

⁵² GASPAR, op. cit.

⁵³ OLIVEIRA, Paulo Santos de. **Henrique Dias, soldado valente e pai amoroso**. Diário de Pernambuco. <https://bit.ly/2TbVHT0>. Acesso em 10 de novembro de 2018.

⁵⁴ VILAÇA, Marcos Vinicius. **Dois Vezes Guararapes (1648 - 1649)**. Revista da Cultura. Ano VI. Nº 10. Junho de 2006. Rio de Janeiro: Fundação Cultural do Exército, 2006, p. 10.

Bom Jesus, que por cinco anos de combate aos invasores. Desse local eram lançadas as companhias de emboscada, que obrigaram os holandeses a incendiar Olinda, por não terem condições de sustenta-la”⁵⁵.

Em 15 de fevereiro de 1630, a esquadra holandesa chega a Recife. A segunda investida batava tem início! Ataca com 50 navios e 7.000 homens. Os fortes reforçados que Matias de Albuquerque idealizou resistiram bravamente, mas outra vez resta aos luso-brasileiros a guerra brasílica. O inimigo é forte demais. Os atacados recuaram e ocupam posições de maneira que os invasores não conseguiam se abastecer dos produtos da terra adjacentes às cidades de Olinda e Recife.

Os dois lados contentores lutavam bravamente. Mas a luta constante do lado luso-brasileiro fez com que a peleja desse lugar à lavoura e, por isso, a comida passou a ficar escassa. O moral da resistência esmorece. Eis que nesse momento trai a resistência Domingos Fernandes Calabar, que aponta aos neerlandeses os pontos de suprimento da resistência, ensina-os como andar pelas terras do sertão e os ensina os segredos da “guerra brasílica”.

E assim, dia a dia os batavos tomavam mais pontos de resistência, mas nunca, porém, sem enfrentarem terrível choque de armas contra os defensores do Brasil. Um desses combates foi a emblemática resistência do Forte do Rio Formoso. A História do Exército Brasileiro registra:

“O Major alemão von Schkoppe⁵⁶, no dia 7 de fevereiro, lançou-se contra o Forte do Rio Formoso, que tinha apenas duas peças de canhão e uma guarnição de 20 homens, comandados por Pedro de Albuquerque. Intimidados à rendição, responderam que lutariam até o último alento de vida. Von Schkoppe desferiu três potentes assaltos para vencer a reação daqueles bravos. Na quarta investida, penetrou na fortificação e encontrou os corpos dos seus 20 bravos defensores, que cumpriram com honra e glória o juramento que fizeram, num protesto contra a invasão. Pedro de Albuquerque, ferido, jazia por terra. Von Schkoppe comoveu-se com a bravura e heroísmo daqueles homens e apontou o belo exemplo a seus soldados. Ao ver Pedro de Albuquerque, um combatente holandês correu para tomar-lhe a espada. Von Schkoppe, ao perceber, gritou: “Alto! Não se toma a espada gloriosa de um herói”. Pedro de Albuquerque foi socorrido e tratado com grande respeito, e concederam-lhe liberdade, sob palavra, até partir para Lisboa”⁵⁷.

A luta não cessa e os anos vão passando. A coroa espanhola e a Companhia das Índias Ocidentais enviam reforços, mas de forma desproporcional. Rocha Pombo aponta que “a Holanda mandava para conquistar o Brasil forças numa proporção de 30 por 1”⁵⁸.

Em meados de 1835, cinco anos depois da invasão, cai o arraial de Bom Jesus, que era o símbolo da resistência pernambucana. Matias de Albuquerque, sem meios de impedir as hordas holandesas, se retira para Alagoas, acompanhado de muitos refugiados.



Figura 7 (ao lado) - O ataque holandês contra o forte do Rio Formoso.

Fonte: Wash Rodrigues.

Mas para lá chegarem, precisavam passar por Porto Calvo, onde se travou uma das batalhas mais cruentas desse período. As tropas nativas vencem e encontram entre os inimigos, o traidor Calabar. Ele é julgado, condenado, enforcado e esquartejado⁵⁹.

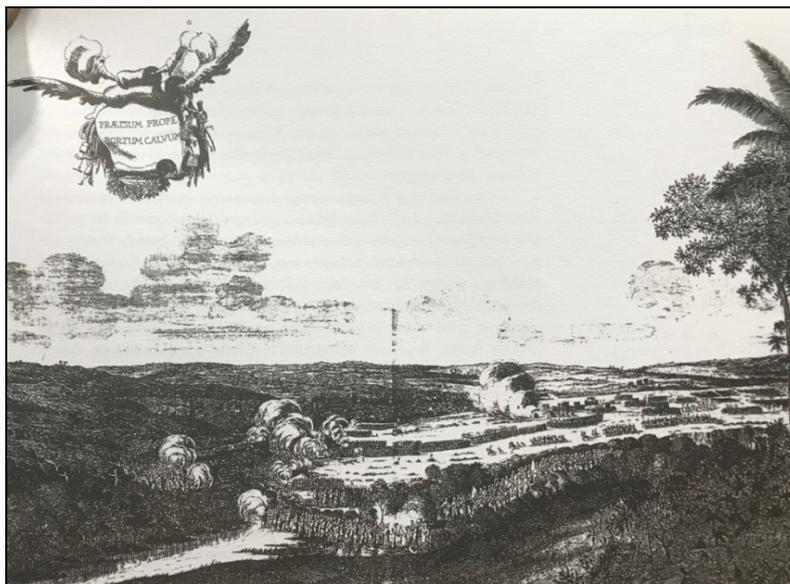
⁵⁵ Revista Verde-Oliva. **Matias de Albuquerque. Conde de Alegrete - 14º Governador-Geral do Brasil. Herói de Dois Mundos.** Ano XXXI. Nº182. Jul.-Dez 2004. Brasília: CeComSEx, 2004, p. 46.

⁵⁶ Sigismund von Schkopp (Prússia, 1613 - Polônia, 1654).

⁵⁷ FORTES, op. cit., p. 133 - 134.

⁵⁸ FORTES, op. cit., p. 141.

Figura 8 - Batalha de Porto Calvo.



Fonte: Guerra, açúcar e religião no Brasil dos holandeses.

Depois de ficar um tempo em Alagoas, Matias de Albuquerque parte para o reino. Lá chegando, é responsabilizado pela perda de Pernambuco! Foi preso e processado, não sendo, entretanto, sentenciado. Resta recluso até o fim a União Ibérica, em 1640. Nesse ano, o monarca português, Dom João IV, reconhece seus esforços e atuação heroica durante o período de resistência, e o nomeia Governador das Armas do Alentejo, quando mais tarde recebe o título de Conde de Alegrete, em razão da sua vitória na Batalha de Montijo⁶⁰. Matias de Albuquerque foi um grande entre os grandes! Morreu em 1647, sem ver o Brasil livre dos holandeses.

Por fim, os brasileiros têm de suportar o fato de a ocupação holandesa ser uma realidade. No auge de sua expansão, eles são senhores do que chamam de Nova Holanda. Uma área que ia do Sergipe até o Maranhão.



Figura 9 (ao lado) - Terras ocupadas pela Holanda.

Fonte: CComSEx.

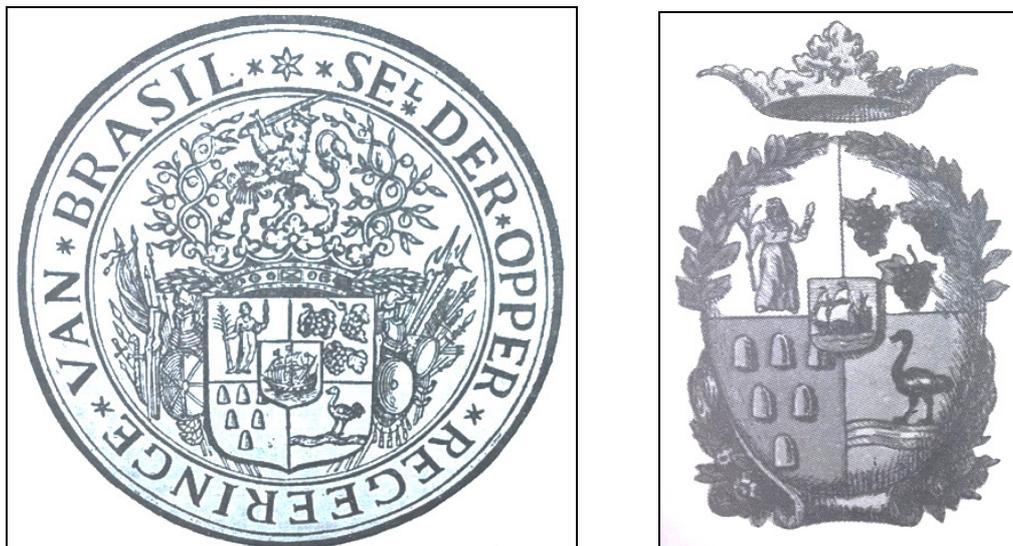
Calha aqui rememorar que quem dominava as terras agora holandesas era uma Companhia. Ou seja, era controlada por acionistas. E a cada decisão, eles tinham de ser consultados. “O processo de tomada de decisões era extremamente lento. O coronel Arciszewski reclamava, que para cada sugestão eram realizadas dez conferências e vinte trocas de correspondências. No final, nada acontecia. Os comandantes ficavam de mãos atadas à espera de razão de bica para dar caça ao inimigo”, explica a

⁵⁹ Revista Verde-Oliva. **Guararapes - 350 anos**. Edição Comemorativa. Ano XXV. Nº159. Brasília: CComSEx, 1998, p. 10.

⁶⁰ Revista Verde-Oliva. **Matias de Albuquerque. Conde de Alegrete - 14º Governador-Geral do Brasil. Herói de Dois Mundos**. Ano XXXI. Nº182. Jul-Dez 2004. Brasília: CComSEx, 2004, p. 46.

Historiadora Adriana Lopez⁶¹. A solução para isso foi unificar o comando civil e militar da Companhia, no Brasil, sendo que para isso foi contratado o conde João Maurício de Nassau-Siegen⁶², em 1636.

Figura 10 - Símbolos do Brasil holandês (Fonte: Wash Rodrigues).



Nassau tentou atacar Salvador outra vez, mas foi rechaçado. Nessa refrega, morre o capitão Sebastião Souto, “considerado o mestre da arte de guerra de emboscadas ou guerra brasílica. Sucedeu-lhe, no comando e na fama, nesse tipo de guerra, **Antônio Dias Cardoso**”⁶³, hoje patrono das Forças Especiais do Exército Brasileiro, cujo Batalhão leva seu nome⁶⁴.

Pouco se sabe das origens desse herói. O que se tem dele é que passados 12 anos da segunda - e bem-sucedida - invasão holandesa ao Brasil, em 1642 é designado como Governador-Geral do Estado do Brasil pelo rei Dom João IV, Antônio Teles da Silva. Veterano da libertação de Salvador aos holandeses em 1625, chegou ao Brasil sob o manto da trégua batavo-lusitana, porém, convicto de auxiliar os insurgentes. Mas tudo deveria ser feito em sigilo, já que a trégua fez com que a atividade da resistência passasse à ilegalidade. Contudo, um dia ele acabaria... E aí Portugal necessitaria de gente treinada para as futuras batalhas contra os flamengos.

Teles da Silva vem de Portugal trazendo Vidal de Negreiros. Este, veterano das campanhas contra os holandeses entre 1624-1625 e de toda guerra brasílica, até a retirada para Alagoas, junto com Matias de Albuquerque. O novo Governador-Geral ordena a Negreiros que “procurasse um chefe competente, discreto e conhecedor de Pernambuco para ali ser enviado com incumbência de organizar e treinar secretamente os insurretos”⁶⁵. O indicado foi o capitão **Antônio Dias Cardoso**, que atuaria dentro do “quadro de uma missão hoje reservada às forças especiais”⁶⁶.

Dias Cardoso nasceu no Porto, mas mudou-se mui jovem para o Brasil. Em 1624, senta praça como soldado, em Salvador. Quando da primeira invasão holandesa, participa ativamente dos combates. Vencidos os luso-brasileiros, migra para Alagoas, na coluna de Matias de Albuquerque, fazendo parte da tropa de proteção dos retirantes.

⁶¹ LOPEZ, Adriana. **Guerra, açúcar e religião no Brasil dos holandeses**. São Paulo: SENAC, 2002, p. 123.

⁶² O próprio Nassau (Alemanha, 1604 - Alemanha, 1679), teve suas diferenças com os dirigentes da Companhia. “Mais de uma vez ameaçou pedir demissão, inconformado com as medidas econômicas e militares que lhe exigiam (...) [até que em setembro de 1643 pede demissão] irrevogável, a qual é aceita pela Companhia”. In HOLANDA, Sérgio Buarque (org.). **Grandes Personalidades de Nossa História. Nassau 1604-1679**. São Paulo: Abril Cultural, 1969, p. 137.

⁶³ FORTES, op. cit., p. 153.

⁶⁴ Dias Cardoso entrará de vez para a história quando da sua atuação nas duas Batalhas de Guararapes e outras ações durante a segunda invasão holandesa.

⁶⁵ Revista Verde-Oliva. **Capitão Antônio Dias Cardoso**. Ano XXIX. Nº 173. Jan./Fev./Mar. 2002. Brasília: CComSEx, 2002, p. 48.

⁶⁶ Cf. Revista Verde-Oliva. **Capitão Antônio Dias Cardoso**. Ano XXIX. Nº 173.

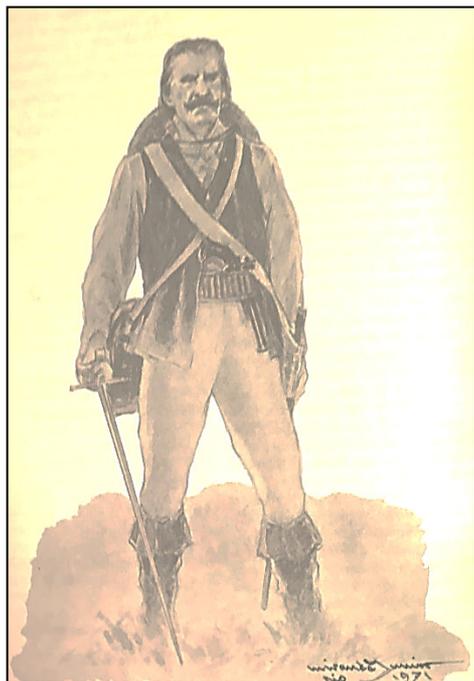


Figura 11 (ao lado) - Antônio Dias Cardoso.

Fonte: História do Exército Brasileiro.

Cláudio Moreira Bento esclarece que sua unidade foi extinta assim que os retirantes chegaram em Alagoas, em 1636:

“[em seguida], ingressa como soldado na companhia do Capitão Sebastião Souto, o mais audacioso, temível e intrépido comandante de Pernambuco, considerado o mais extraordinário mestre em Guerra de Emboscadas e ataques de surpresa, ou na Guerra Brasilica. Em 18 de maio de 1638, vamos encontrar estes dois bravos defendendo a trincheira de Santo Antônio, em Salvador, ocasião em que foi morto o intrépido Sebastião Souto. Sucedeu-lhe no comando da companhia e à altura, o bravo Dias Cardoso. Extinta esta destacada unidade, ingressou na do terço do Capitão André Vidal de Negreiros, [que o indica para a missão ordenada por Teles da Silva]”⁶⁷.

Sobre estes detalhes, complementa Manoel Soriano Neto:

“André Vidal de Negreiros, um dos “Patriarcas da Força Terrestre” (juntamente com Barreto de Menezes, Fernandes Vieira, o negro Henrique Dias e o índio Filipe Camarão), ao reconhecer o grande valor militar daquele indômito e sagaz guerreiro, o indicou, em 1640, ao Governador-Geral do Brasil, para que, portando um documento que o simulava como desertor, ele fosse mandado em segredo, à Bahia e Pernambuco, com a missão de “organizar um pequeno exército e prestar informações acerca do inimigo, ao longo de um percurso de 160 léguas”.

A árdua e importante tarefa foi aiosamente cumprida, após vencidos ínvios caminhos da caatinga nordestina, prenhe de perigos, como rios caudalosos, regiões alagadiças, índios hostis, negros quilombolas, animais selvagens, fortificações do invasor, etc.

E o “pequeno exército”, de que fora incumbido quanto à sua formação e adestramento, foi aos poucos se organizando, aumentando de efetivo e sendo intensamente treinado, no interior das matas e nos canaviais nordestinos, mormente com relação ao emprego de táticas de guerrilhas e emboscadas, à utilização de meios expeditos de combate, tais como espadas, bacamartes, chuços, tacapes, escudos de couro endurecidos, paus afilados e tostados, facas, facões, flechas, dardos, foices, etc; e no judicioso aproveitamento de um terreno coberto por agressiva vegetação (da qual necessitavam para sobreviver), em que era feito largo uso da rapidez, das negaças, das fintas, dos ardis, do espírito de iniciativa e, enfim, de uma indomável bravura.

Tal agrupamento transformar-se-ia em uma tropa altamente aprestada para a guerra e foi formado, pioneiramente, reprise-se, pelo Sargento-Mor Antônio Dias Cardoso, constituindo-se em uma harmoniosa integração de brancos, negros, índios, mazombos, mamelucos, curibocas e mestiços dos mais variados matizes. Esses insurretos aprenderam a empunhar todo tipo de armamento e a utilizar incontáveis meios expeditos de combate; e, principalmente, souberam como ninguém, durar na ação em uma longa guerra de resistência, pela integridade do sagrado solo pátrio.

Nos veneráveis Montes Guararapes, “Berço da Nacionalidade e do Exército Brasileiro”, todos eles se cobriram de glórias, “ad perpetuum rei memoriam”... Eis por que um dos maiores epítetos dados a Dias Cardoso é o de “Organizador e Primeiro Comandante do Exército Brasileiro”!⁶⁸

André Vidal de Negreiros é outro herói desse período. No trabalho organizado pelo General-de-Brigada Ulisses Lisboa Perazzo Lannes, organizador da edição brasileira do livro de Michael Lee Lanning, *Chefes, Líderes e Pensadores Militares*⁶⁹, na qual introduziu mais 10 nomes de militares brasileiros aos já contidos na obra, inseriu o de Vidal de Negreiros. Sobre ele assevera que “é difícil encontrar um comandante que tenha tido tamanha influência no desenrolar de uma guerra tão longa, a despeito de não ser o chefe nominal das operações”. Por meio de sua atuação política, contatos, estratégia e tática, Vidal de Negreiros aplicou ações de “guerra popular, terra arrasada, levantamento de exército nacional, negativa peremptória em aceitar a dominação do invasor, organização do sistema de sustentação a resistência,

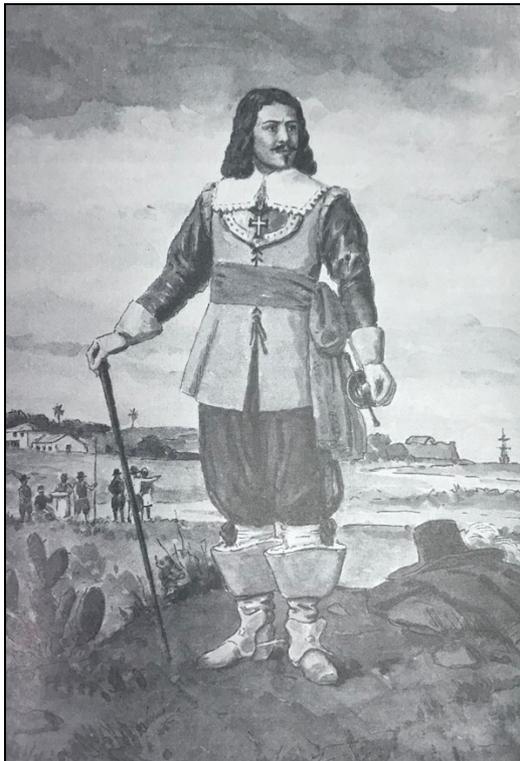
⁶⁷ BENTO, Cláudio Moreira. **Mestre de capo Antônio Dias Cardoso. Patrono da Turma da AMAN de 27 de novembro de 2003. O estrategista e tático da Insurreição de Pernambuco.** AHIMTB. <http://www.ahimtb.org.br/mcadcardoso.htm>. Acesso em 10 de novembro de 2018.

⁶⁸ SORIANO NETO. **Manoel. Antônio Dias Cardoso - O mestre das emboscadas.** O GAÚCHO. 23 anos do IHTRGS. Ano 2009. Nº 17. <http://www.ahimtb.org.br/ogaucho/O%20Ga%C3%BAcho%2071.pdf>. Acesso em 10 de novembro de 2018.

⁶⁹ LANNING, Michael Lee. **Chefes, Líderes e Pensadores militares.** Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1999, p. 429.

ação psicológica sobre aliados e inimigos e condução da campanha militar segundo objetivos estratégicos”⁷⁰.

Figura 12 - André Vidal de Negreiros



Fonte: Wasth Rodrigues

André Vidal de Negreiros nasceu na Paraíba, em 1606. Aos 18 anos se alistou nas tropas de combates dos holandeses na Bahia, em 1624. Quando da segunda invasão, outra vez se vê do lado da resistência. Em 1636 invade a Paraíba, para dar combate aos batavos que lá estavam. Nessa ação é ferido. Recupera-se e, dois anos depois, em 1638, participada da Batalha de Salvador, na qual é derrotado o conde Nassau.

Esteve junto de Matias de Albuquerque quando de sua retirada para Alagoas. Participa de mais algumas ações no Brasil, que causaram muito impacto nos interesses neerlandeses, a ponto de ter sua cabeça posta a prêmio por Maurício de Nassau-Siegen, de dois mil florins. Coisa que revidou declarando que daria seis mil cruzados pela cabeça do conde⁷¹. Vai para Lisboa em seguida, retornando em 1642, para reforçar o movimento de resistência.

Além de enviar Antônio Dias Cardoso para as ações de comando, “articula a liderança civil do movimento em torno de João Fernandes Vieira”⁷², que na vila de Ipojuca, declara, junto com mais senhores de engenho, o Compromisso de Honra, no qual asseveram: “Nós, abaixo assinados, nos conjuramos e nos comprometemos, em serviço da liberdade, a não faltar, a todo o tempo que for necessário, com toda a ajuda de fazenda e pessoas, contra qualquer inimigo, em restauração da nossa **Pátria**; para o que nos obrigamos a manter todo o segredo que nisto convém, sob pena de, quem o contrário fizer, ser tido por rebelde e traidor”⁷³ (grifo nosso).

O papel do líder às vezes é difícil de se registrar. Pois as conversas com os atores principais de uma ação, que os motiva; as explicações, que convencem; o exemplo, que arrasta; a energia, que contagia; o magnetismo, que encanta; a clareza, que esclarece; a confiança, que une, só se verificam nos resultados finais. E é inegável que Negreiros era uma dessas pessoas. A ponto de José Maria da Silva Paranhos

⁷⁰ LANNING, op. cit. 429.

⁷¹ BENTON, Willian (org). **André Vidal de Negreiros**. Encyclopaedia Britannica Barsa. Volume 14. Rio de Janeiro: Encyclopaedia Britannica Editores Ltda., 1973, p. 68.

⁷² LANNING, op. cit. 429.

⁷³ Revista Verde-Oliva. **Guararapes - 350 anos**. Edição Comemorativa. Ano XXV. Nº159. Brasília: CComSEx, 1998, p. 15.

Júnior, o Barão do Rio Branco, diplomata e Historiador, afirmar com toda convicção: “[Vidal de Negreiros] foi o fator máximo da expulsão dos holandeses de Pernambuco”⁷⁴!

Em 1644 Nassau pede demissão e passa o governo para o Conselho do Recife. Ao partir, ele alerta: “A potência de um governo não se deixa medir pela superfície, mas pela fidelidade, devoção e respeito dos indivíduos (...) só executem as instruções dos diretores se elas forem úteis à colônia”⁷⁵. Mas isso não ocorreu e os diretores da Companhia das Índias Ocidentais tomaram caminho contrário às orientações de Nassau⁷⁶. Com efeito, a sua saída trouxe duas consequências imediatas, que influíram nos destinos da Nova Holanda: a primeira, a perseguição religiosa contra católicos se acirrou.

Dois acontecimentos, inclusive, resultaram na canonização de 30 pessoas, como santos mártires da Igreja Católica. O primeiro deles ocorreu em “16 de julho de 1645, [quando] o Padre André de Soveral e outros 70 fiéis foram cruelmente mortos por mais de 200 soldados holandeses e índios potiguares. Os fiéis participavam da missa dominical, na Capela de Nossa Senhora das Candeias, no Engenho Cunhaú, no município de Canguaretama, localizado na região agreste do Rio Grande do Norte. Por seguirem a religião católica, tiveram que pagar com a própria vida o preço da fé, por causa da intolerância calvinista dos invasores”⁷⁷.

O outro aconteceu, “quase três meses depois, [quando] no dia 3 de outubro (...) 80 pessoas foram mortas [pelos] holandeses. Uma das vítimas foi o camponês Mateus Moreira, que teve o coração arrancado pelas costas, enquanto repetia a frase “Louvado seja o Santíssimo Sacramento”. Este morticínio aconteceu na Comunidade Uruaçu, em São Gonçalo do Amarante, a 18 km de Natal, litoral do RN”⁷⁸. Em 15 de outubro de 2017, o Papa Francisco canonizou 30 deles⁷⁹. “Foram mais de 150 [mortos], mas a Igreja só [canonizou] os 30 que puderam ser identificados pelo nome ou por referências fidedignas, como parentes ou amigos daqueles que puderam ser reconhecidos. Entre eles, havia crianças que foram trucidadas nos braços das mães”⁸⁰.

Figura 13 (abaixo) - Os mártires de Pernambuco.

⁷⁴ BENTON, Willian (org), op. cit., p. 68.

⁷⁵ HOLANDA, Sérgio Buarque (org.). Grandes Personagens de Nossa História. **Nassau 1604-1679**. São Paulo: Abril Cultural, 1969, p. 137-138.

⁷⁶ O Historiador holandês van Loon assevera que a Companhia das Índias Ocidentais tinha um grave problema quanto a ter os melhores homens gerindo seus negócios. Continua que “os moços mais capazes se empregavam na Companhia das Índias Orientais, onde tinham a certeza de fazer carreira. A das Índias Ocidentais tinha de se contentar com caixeiros incompetentes, exploradores falidos, toda sorte de espertalhões de terceira classe; foi essa gente que se viu de repente guinada à direção de [colônias nas Américas] (...) foi uma completa falta de homens, e nada mais, que destruiu o sábio sonho de um império holandês na América” in LOON, Hendrik van. **América**. 5ª Edição. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1957, p. 98 - 99.

⁷⁷ **Mártires de Cunhaú e Uruaçu**. Arquidiocese de Natal. <http://arquidiocesedenatal.org.br/historia-martires-de-cunhau-e-uruacu>. Acesso em 10 de novembro de 2018.

⁷⁸ **Mártires de Cunhaú e Uruaçu**. Arquidiocese de Natal. <http://arquidiocesedenatal.org.br/historia-martires-de-cunhau-e-uruacu>. Acesso em 10 de novembro de 2018.

⁷⁹ Dos 30 mártires de Natal a serem canonizados na Praça de São Pedro, no Vaticano, 28 eram brasileiros natos. Dois dos novos santos eram estrangeiros – padre Ambrósio Francisco Ferro, português dos Açores e João Lostau Navarro, francês. Como viviam no Rio Grande do Norte, são considerados brasileiros. Com exceção dos dois padres, todos eram leigos. Os santos do Rio Grande do Norte foram martirizados um ano e dois meses depois de o Conde Maurício de Nassau, governador de Pernambuco e capitânicas vizinhas, ter voltado para a Europa, em maio 1644. Com sua saída, os invasores holandeses, na maioria calvinistas, proibiram celebrações e reuniões nas igrejas. Exigiram ainda que os católicos renegassem a fé e se convertessem para não serem mortos. **Papa canoniza neste domingo no Vaticano mártires de Cunhaú e Uruaçu**. Cerimônia ocorre a partir das 6h15, no horário de Brasília; massacre em 1645 vitimou cerca de 150 pessoas no RN. O Estado de São Paulo. <https://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,papa-canoniza-neste-domingo-no-vaticano-martires-de-cunhau-e-uruacu,70002044544>. Acesso em 10 de novembro de 2018.

⁸⁰ **Papa canoniza neste domingo no Vaticano mártires de Cunhaú e Uruaçu**. Cerimônia ocorre a partir das 6h15, no horário de Brasília; massacre em 1645 vitimou cerca de 150 pessoas no RN. O Estado de São Paulo. <https://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,papa-canoniza-neste-domingo-no-vaticano-martires-de-cunhau-e-uruacu,70002044544>. Acesso em 10 de novembro de 2018.



Fonte: Arquidiocese de Natal.

A segunda consequência da saída de Nassau foi a reflexão feita por João Fernandes Vieira. Ele havia lutado ao lado de Matias de Albuquerque, na primórdios da resistência. Depois, vivendo entre os holandeses, [passou a admirar] o trabalho [do conde]. Mas com a [sua] saída percebeu que era preciso eliminar o invasor”⁸¹.



Figura 15 - Primeira batalha dos Guararapes.

Quase no final do segundo quartil do século XVII, “quando o vulto das operações [visando a expulsão dos batavos do Brasil] cresce. [E diante da incansável resistência, que dava combate a toda hora e lugar], o invasor é confinado em Recife”⁸². É chegado o momento das últimas batalhas que os expulsaram do Brasil.

Com exceção de Matias de Albuquerque e do bispo-soldado Dom Marcos Teixeira, que já haviam falecido, todos os outros heróis, Henrique Dias, Filipe Camarão, Dias Cardoso e Vidal de Negreiros, estavam presentes em três importantes momentos. Primeiro, a grande batalha de restauração no Monte das Tabocas. Em seguida, as duas batalhas de Guararapes.

Figura 14 (ao lado) - Batalha do Monte das Tabocas.

Fonte: Wasth Rodrigues

⁸¹ HOLANDA, Sérgio Buarque (org.). *Grandes Personagens de Nossa História. Nassau 1604-1679*. São Paulo: Abril Cultural, 1969, p. 138.

⁸² LANNING, op. cit. 428.



Fonte: Victor Meireles.

Na primeira batalha de Guararapes, em 19 de abril de 1648, 5.000 holandeses combatem contra pouco mais de 2.000 brasileiros. A batalha foi ferrenha e os heróis do Brasil, Henrique Dias, Filipe Camarão, Vital de Negreiros, Dias Cardoso e Fernandes Vieira, se cobrem de glória. O comandante das tropas flamengas, Coronel von Schkoppe, é ferido na perna e fica coxo. Mais de 500 holandeses morrem. Ferido mortalmente, também morre Filipe Camarão.

Figura 16 - Segunda batalha dos Guararapes



Fonte: Museu Histórico Nacional

Em fevereiro de 1649, 3.500 neerlandeses, agora sob o comando do Coronel van den Brinck⁸³, ocupam posição nos mesmos montes Guararapes. Para dar combate a eles, 2.600 brasileiros, que atacam com toda fúria as tropas invasoras. Mais uma vitória brasileira. Desta vez caem mortos mais de 1.000 soldados inimigos, dentre eles o seu comandante. É a segunda Batalha de Guararapes.

Os soldados holandeses remanescentes se aquartelam em suas fortalezas. As tropas nativas os cercam e se inicia uma guerra de sítio. Os alimentos para eles se escasseiam e os holandeses passam a comer

⁸³ Johan van den Brinck (Holanda, ? - Brasil, 1649)

cães, gatos e ratos⁸⁴. Já agora, depois de mais de 20 anos de lutas, na opinião do Historiador Adler Fonseca de castro, “a guerra [pelos brasileiros] travada não deveria [mais] ser qualificada plenamente como “guerra de guerrilha”, mas sim uma campanha travada por um exército profissional em inferioridade numérica e de recursos, mas que, no mínimo, estava em pé de igualdade com seu inimigo, do ponto de vista de doutrina de emprego e treinamento”⁸⁵.

Figura 17 - Segunda batalha dos Guararapes.

Fonte: Wash Rodrigues



Chega ao fim o domínio holandês no Brasil⁸⁷.

346 anos depois da primeira batalha de Guararapes, o Exército Brasileiro, por iniciativa do então Ministro do Exército, general Zenildo de Lucena, pernambucano, cria o Dia do Exército Brasileiro, pelo Decreto de 24 de março de 1994. A partir de então, o Exército Brasileiro passou a entregar a medalha da Ordem ao Mérito, sua principal condecoração, nesse dia. E a medalha do Pacificador, passou a ser entregue no Dia do Soldado, dia 25 de agosto, natalício de Duque de Caxias⁸⁸.

A ação do Exército Brasileiro é importante. Força, mesmo que ainda mais relegado aos quartéis, a lembrança da data (que concorre com o dia do Índio, nos calendários escolares). E porque da importância? Ainda hoje, fruto de uma história ensinada, na maioria das vezes, com viés ideológico ou com pouco interesse na sua preparação, ouve-se em conversas informais e, o que é mais grave, até em cerimônias formais, que se o Brasil continuasse holandês, a realidade do Nordeste seria outra.

Pelo que se tem do período neerlandês, é verdade que houve algum progresso em relação à colônia, durante o período de Nassau. Mas ele não durou muito e quando de sua saída - e como era mortal, mesmo que ficasse mais tempo, um dia deixaria o controle por questões naturais - o jugo batavo foi pesado e duro até a capitulação, em 1654. E pelo que se tem de ex-colônias holandesas, como a Indonésia e o Suriname*, findada a finalidade da exploração que rendia lucro (sempre lembrando que quem controlava a área era uma empresa), mui provavelmente o Nordeste teria o mesmo destino delas. Mais certo que o futuro econômico, seria a fragmentação do Brasil, visto que por diversos momentos da nossa história o

⁸⁴ HOLANDA, Sérgio Buarque (org.), p. 138.

⁸⁵ CASTRO, Adler Fonseca. **Armas das Guerras Holandesas**. Revista do Exército Brasileiro. Especial - 1998. Guararapes 350 anos - 1648 - 1998. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1998, p. 70.

⁸⁶ HOLANDA, Sérgio Buarque (org.), p. 140.

⁸⁷ Os holandeses tiveram outro revés na América. Por conta da guerra contra a Inglaterra, em 1664, outra “Nova Holanda foi ocupada por tropas britânicas. Sete anos depois uma esquadra holandesa reconquistava a colônia perdida (...) Na Paz de Westminster, em 1674, os Estados Gerais cederam todos os direitos sobre o território da Nova Holanda. Os ingleses, por seu lado, prometeram respeitar as possessões holandesas na Guiana (...) onde os lavradores holandeses esperavam refazer-se da sua falência no Norte”. Esta possessão ficava “na confluência do rio Hudson e East, com o nome de Nova Amsterdã”. Hoje esta cidade chama-se Nova York, nos Estados Unidos. *In*: LOON, Hendrik van. **América**. 5ª Edição. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1957, p. 96, 99 - 100.

⁸⁸ CASTRO, Celso. **A invenção do Exército Brasileiro**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002, p. 68, 76.

país só não se dividiu em pequenos outros países, em razão de ser um Império. E só foi um Império, porque foi português.

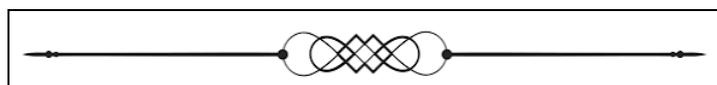
De mais à parte, a era das invasões holandesas é uma rica fase de nossa história, marcada pelas lutas de resistência em face de um inimigo que era considerado um dos melhores e mais poderosos exército e armada do mundo. E, cuja forma de dar-lhes combate, foi algo que revolucionou o modo de se fazer guerra. Se esses ensinamentos tivessem sido melhor estudados, poderiam ter influenciado em outros conflitos, no futuro, os quais tiveram o terreno, o meio, o objetivo e o inimigo em condições parecidas com as enfrentadas naqueles idos de 1624 a 1654**.

* Mesmo que alguns anos e não séculos, ou que houvesse apenas uma ou algumas cidades, a lista de países que foram colônia da Holanda foram: Brasil, Costa do marfim, Guiana Francesa, Gana, Guiana, Índia, Indonésia, Ilhas Maurício, Estados Unidos, África do Sul, Sri Lanka, Taiwan, Suriname, Bélgica e Luxemburgo.

** Os professores da Academia Militar das Agulhas Negras mencionam que a negligência da história militar em estudar esse tipo de guerra também ocorreu com a Guerra Civil dos EUA, pois ela se desenvolveu quase toda no interior de florestas. De forma que foi uma fonte inesgotável não aproveitada quando da Primeira Guerra Mundial que foi, em parte, desenvolvida em bosques. O custo foi de milhares de vidas (In: **História da Doutrina Militar (Da antiguidade a II GM)**, Rio de Janeiro: AMAN, 1978, p. 100). O mesmo havia ocorrido com a guerra brasileira que foi desenvolvida em parte nos litorais mas principalmente nas florestas do interior nordestino.

Crítica do Editor: A guerra contra os holandeses foi uma das fases mais importantes da HMB. Foi nela que se forjaram os alicerces da formação do EB. Os líderes acima citados são os Patriarcas da Força Terrestre. Foi uma luta em dois pilares: defesa da terra e defesa da religião, com o apoio das populações nativas. Foi a luta dos católicos contra a arrogância e o desprezo dos protestantes calvinistas. Como não havia doutrina e ninguém formado em ciências militares, a guerra foi de guerrilhas. A luta do fraco contra o forte. Basicamente as emboscadas, técnica assimilada dos indígenas. O terreno facilitou as ações dos patriotas tanto na Bahia como em Pernambuco, Maranhão e em outras áreas. A ação dos traidores (Calabar e outros) retardou a vitória contra os holandeses. Foram 30 anos de luta, inclusive os sete anos da administração de Nassau. O período da União das Coroas Ibéricas (1580/1640) foi fundamental porque uniu portugueses e espanhóis na luta contra os mercenários da Companhia das Índias Ocidentais. A saga da luta contra os holandeses, assim como contra franceses e ingleses anglicanos, nos mostra que não podemos, em nenhuma hipótese, mesmo “por amizade”, ter tropas estrangeiras no nosso território. Assim como, expandindo o raciocínio, enviar tropas nossas para operações de combate* em outros continentes, mesmo sob a égide da ONU. Getúlio Vargas negou isso para a Guerra da Coreia. Costa e Silva negou tropas para a Guerra do Vietnam. Mantenhamos a mesma linha de raciocínio. Não podemos nos envolver em sangrentos conflitos que não são nossos. A ONU quer nos envolver na luta contra os guerrilheiros da República Centro-Africana. Não podemos embarcar nessa aventura insensata para vermos nossos combatentes voltarem mortos envolvidos em sacos plásticos pretos para satisfazer demandas que não nos interessam.

* Falo em Operações de Combate contra forças irregulares, não de operações tipo GLO como foi no Haiti.



EDITOR:

**LUIZ ERNANI CAMINHA GIORGIS
CEL INF EM PRESIDENTE DA AHIMTB/RS
LECAMINHA@GMAIL.COM**

SITES:

**WWW.AHIMTB.ORG.BR
WWW.ACADHISTORIA.COM.BR
SITE DO NEE/CMS: WWW.NEE.CMS.EB.MIL.BR
SITE DO NÚCLEO MILITAR DE GRAMADO: WWW.NUCLEV.COM
BLOG DA DELEGACIA DA AHIMTB/RS EM CRUZ ALTA:
HTTP://ACADHISTORIACRUZALTA.BLOGSPOT.COM.BR/**